

ABREU, Maurício de Almeida

Geografia histórica do Rio de Janeiro
(1502-1700).Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson e Prefeitura
do Município do Rio de Janeiro, 2010.

LUIZA NASCIMENTO DE OLIVEIRA

Museu de Astronomia e Ciências Afins | MAST/MCT

Com formação de geógrafo, Maurício de Almeida Abreu dedicou 15 anos de sua vida a esse projeto grandioso e há muito aguardado. Após percorrer arquivos e bibliotecas de Lisboa, Paris e instituições sediadas no Rio de Janeiro, o autor reuniu um considerável acervo que resultou neste belo livro. A obra é dividida em dois volumes, reunindo um rico material relativo à cartografia do Rio de Janeiro, destacando-se os mapas e plantas, além de cartas e documentos oficiais sobre a formação dessa cidade. Por isso, o livro já nasce como uma obra de referência para pesquisas futuras.

O título da obra nos remete ao núcleo de pesquisa coordenado por Maurício de Abreu na Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Núcleo de Pesquisa de Geografia Histórica (NPGH) foi criado pelo Departamento de Geografia em 2006 para o estudo do processo de produção do espaço brasileiro através do tempo.

O diferencial da proposta do autor é sua preocupação em integrar a formação social e a forma espacial da cidade do Rio de Janeiro, fazendo um intenso diálogo entre história e geografia como metodologia de trabalho. Seu objetivo é entender a apropriação e organização do espaço colonial fluminense nos séculos XVI e XVII, *um lugar que não mais existe*, e entender como se deu o processo de produção desse território. Dada a ênfase nos símbolos e nas representações dos lugares e das regiões, além de uma concepção relativa de espaço, o autor define *lugar* como tópos. Dessa forma, as regiões e os lugares não são mais percebidos pela singularidade, e sim como produtos da interseção de processos sociais. Interessante é perceber a defesa de uma constante criação e recriação de novos significados para lugares e regiões. Sua “geografia histórica” implica a análise de “geografias do passado”, com objetivos e métodos de pesquisa próprios. Segundo o autor, a geografia é uma ciência que apresenta importantes questões para a compreensão da sociedade, no entanto, *necessita experimentar o tempo*.

Realizando um diálogo constante entre história e geografia, o método do autor é sempre relacionar os processos sociais de apropriação e de construção do “lugar”, e o entendimento das formas resultantes desses processos, sendo morfológicas ou não. Tais preceitos são somados à narração e à descrição. Com isso, teoria e pesquisa empírica estão associadas neste trabalho, aliando pensamento teórico com pesquisa de base, o que está presente nas páginas dos dois volumes: formação e desenvolvimento do capitalismo comercial; documentos históricos do século XVI; 1502 e as primeiras informações da baía de Guanabara; 1700 representando um importante corte da história do Brasil e do lugar estudado com a emergência das Minas Gerais.

O início do volume 1 lida com as querelas em relação à origem do nome *rio de janeiro*. A análise dessa primeira parte se estende até as invasões francesas, em meados do século XVI, quando a cidade do Rio de Janeiro ganha destaque devido à sua posição estratégica, e Portugal decide ocupar efetivamente esse espaço. A conquista da Guanabara é analisada para além das disputas pela liberdade dos mares: há o fortalecimento do movimento de Contrarreforma

com um importante papel na consolidação do processo de colonização do Brasil. Além do estudo da subjugação das nações indígenas, menciona-se a importância dos aldeamentos indígenas para o referido processo. A ocupação desse sítio foi, portanto, devido à posição geográfica vantajosa e não pelas suas características físicas.

Para esse estudo da apropriação das terras do Rio de Janeiro, Maurício de Abreu expõe como fontes as “Relações das sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro”, de monsenhor Pizarro (final do século XVIII), e cópias de cartas de sesmarias. Nesse processo, o papel da Câmara do Rio de Janeiro merece destaque, por viabilizar o acesso à terra a muitos colonos, bem como a função das ordens religiosas e o seu crescimento constante. O autor observa também o grande envio de degredados à Capitania, como para toda a colônia, e salienta a formação da “nobreza da terra” a partir de serviços prestados à Coroa. Através da análise das fontes disponíveis, a produção de uma base cartográfica traduz um importante legado para o entendimento da *geografia histórica* do Rio de Janeiro.

Não se eximindo de atuais discussões historiográficas, o segundo volume começa com a análise do sistema atlântico do Rio de Janeiro. Abreu aborda a inserção da dita cidade na economia-mundo, com o controle da força de trabalho cativa para a prosperidade da Capitania. Das guerras contra os batavos em meados do século XVII para a consolidação do Reino, destaca-se o papel de Salvador Correia de Sá e Benevides. Quanto à mão de obra africana no século XVII, era maior em Pernambuco e na Bahia que no Rio de Janeiro, o que não quer dizer que o crescimento da exploração negra não fosse significativo e estivesse em ascensão no Rio de Janeiro do seiscentos. A produção do açúcar é analisada de forma extensa. Com o crescimento nas três primeiras décadas do século XVII, Abreu enfatiza como a cultura canaveira conduziu o mundo colonial português. A trajetória desse sistema produtivo na região fluminense, começando com o crescimento dos engenhos a partir da inovação tecnológica, passando por um estudo vasto sobre os engenhos em si: sua produção, localização e tamanho, sempre enriquecidos com tabelas explicativas.

A última seção é sobre a difícil aproximação, reconstrução física do seu objeto de estudo, a forma como a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi ocupada. Desse modo, frente à escassa documentação cartográfica do início da colonização, a dedução é inevitável, sendo apenas possível a análise de fragmentos. Para a solução de tal impasse, Maurício de Abreu confecciona mapas conjecturas, ou seja, cria a exposição de um cenário que, segundo ele, não é muito diferente do original, sendo encontrada a construção da morfologia urbana *carioca* dos séculos XVI e XVII. Para tanto, o processo de produção desses mapas – e as fontes – é anteriormente enfatizado. Dentre essas, alguns fragmentos de livros de registros de cartas de sesmarias relativos a 1573-1574, 1578-1579, 1594-1595 e 1602-1605; cartas de chão das propriedades das ordens religiosas e informações encontradas nos arquivos brasileiros e portugueses. Três mapas que mostram diferentes hipóteses para a configuração da defesa merecem destaque.

A análise prossegue da cidade alta para a descida à várzea. A inserção de Maurício de Abreu nos debates contemporâneos permanece, pois defende a unidade urbana do Rio de Janeiro em oposição a Joaquim Veríssimo Serrão, por exemplo. Aquele autor acredita que a formação da dita cidade foi por meio de um conjunto de regras, explica que o fato de não haver orientações formais não quer dizer que a cidade tenha sido formada espontaneamente. Argumenta ainda que, apesar da ação direta ou indireta da Coroa para as transformações da pequena urbe em cidade no século XVII, a produção do espaço urbano *carioca* foi por iniciativa particular. Para além dessa problemática historiográfica, o autor destaca em seu penúltimo capítulo o papel das cidades, em muito relegado, da vida urbana e sua economia para a dinâmica político-social da colônia portuguesa na América. Pois esse “espaço coletivo” – porque uma sociedade de “Antigo Regime nos Trópicos”, marcada pela desigualdade e pela exclusão, não pode ser chamada de “espaço público” – é o palco da reafirmação das práticas e representações de poder.

Ao pensarmos em História Social da Ciência, tal obra nos é útil porque a divulgação e a problematização da ciência – cartográfica, geográfica – são observadas, bem como o estudo dessa produção de conhecimento associada a processos sociais.

Portanto, é na discussão sobre a apropriação e transformação do território com a produção e circulação de mercadorias no campo e na cidade que reside a riqueza do trabalho de Maurício de Abreu, ao percorrer o espaço urbano, a *geografia histórica* do Rio de Janeiro dos séculos XVI e XVII que *não existe mais*.